



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

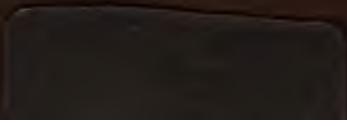
O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

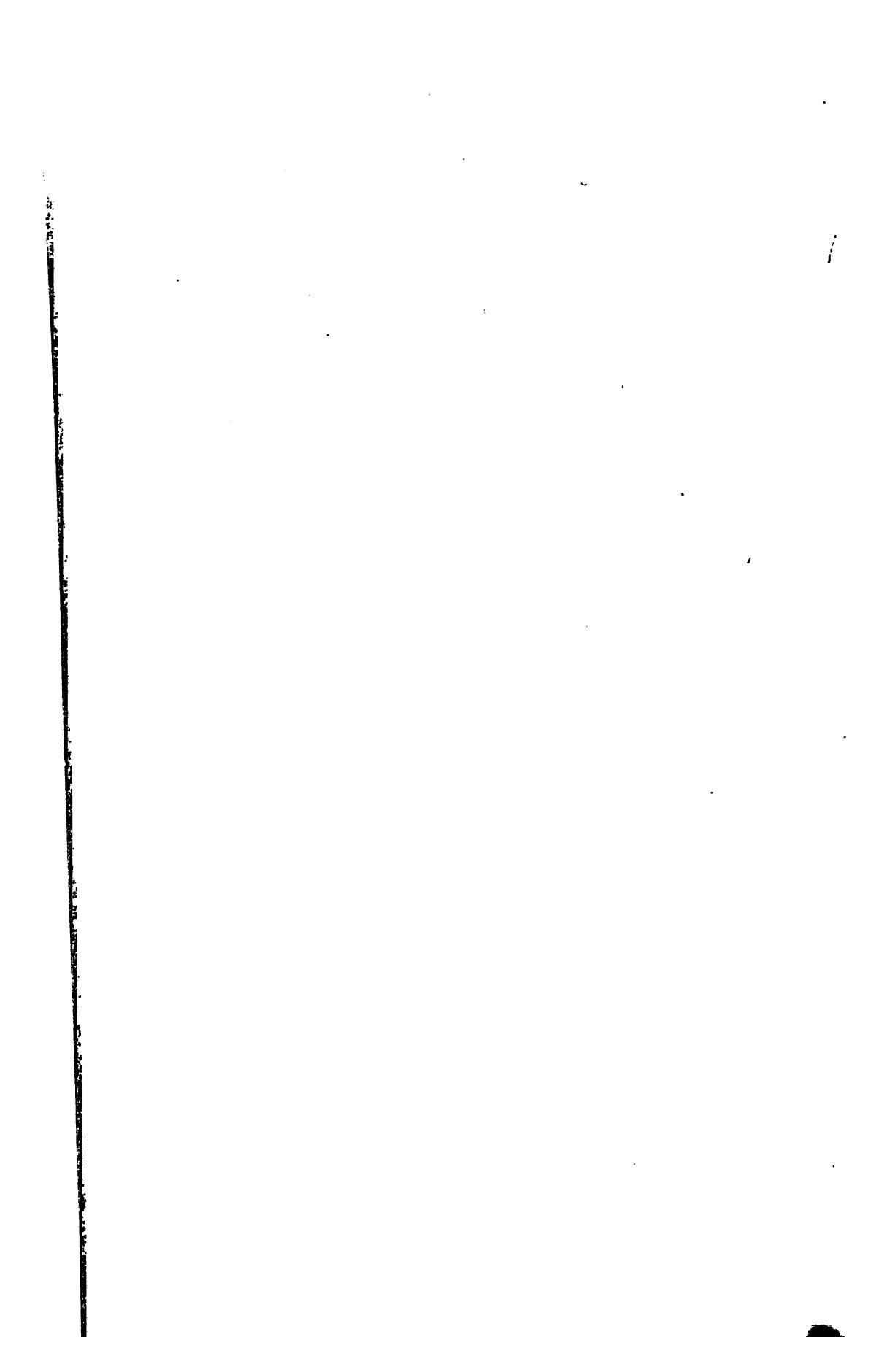
Pedimos que você:

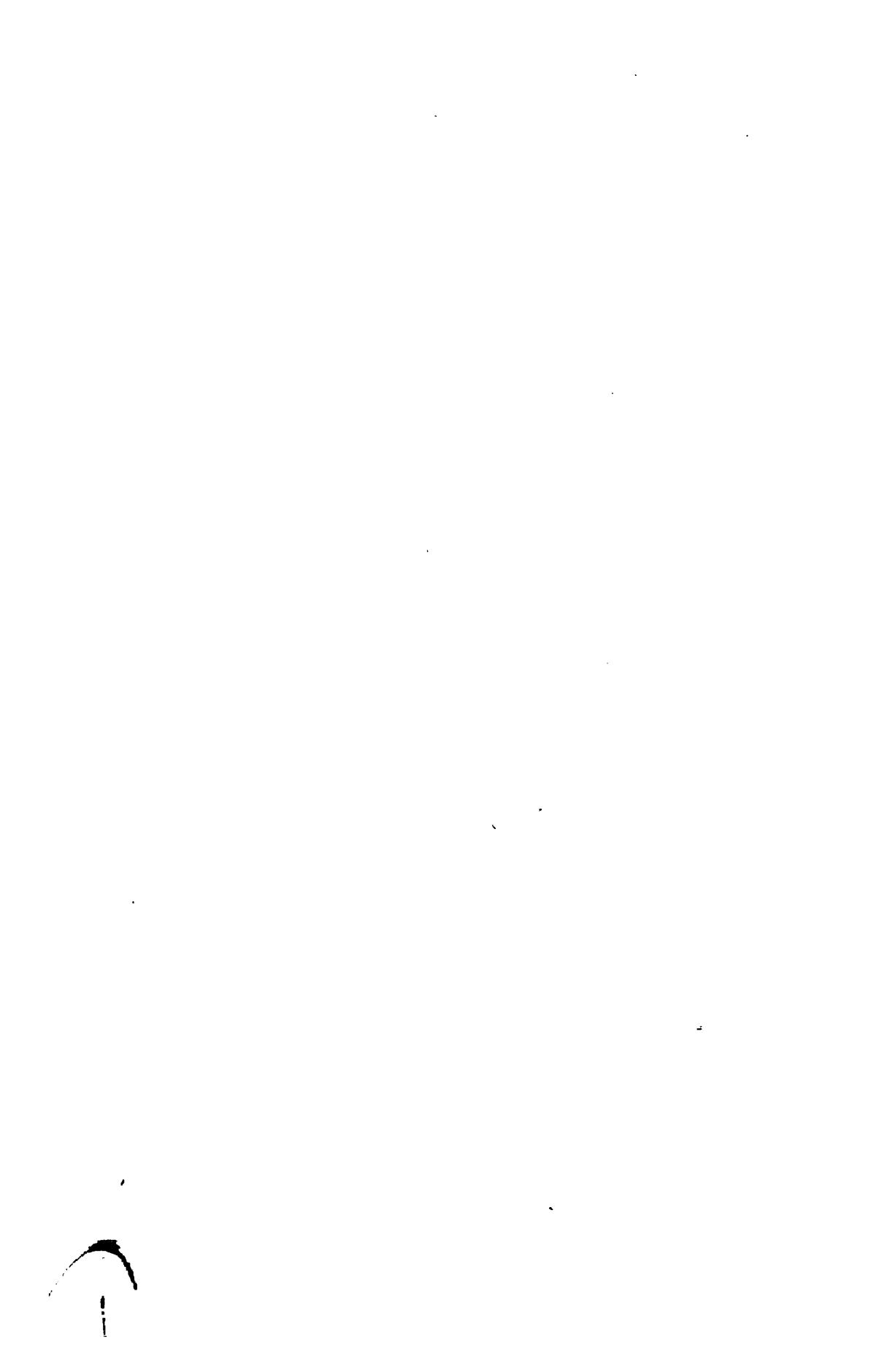
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presumá que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>









EPISODIO
DO
GIGANTE ADAMASTOR

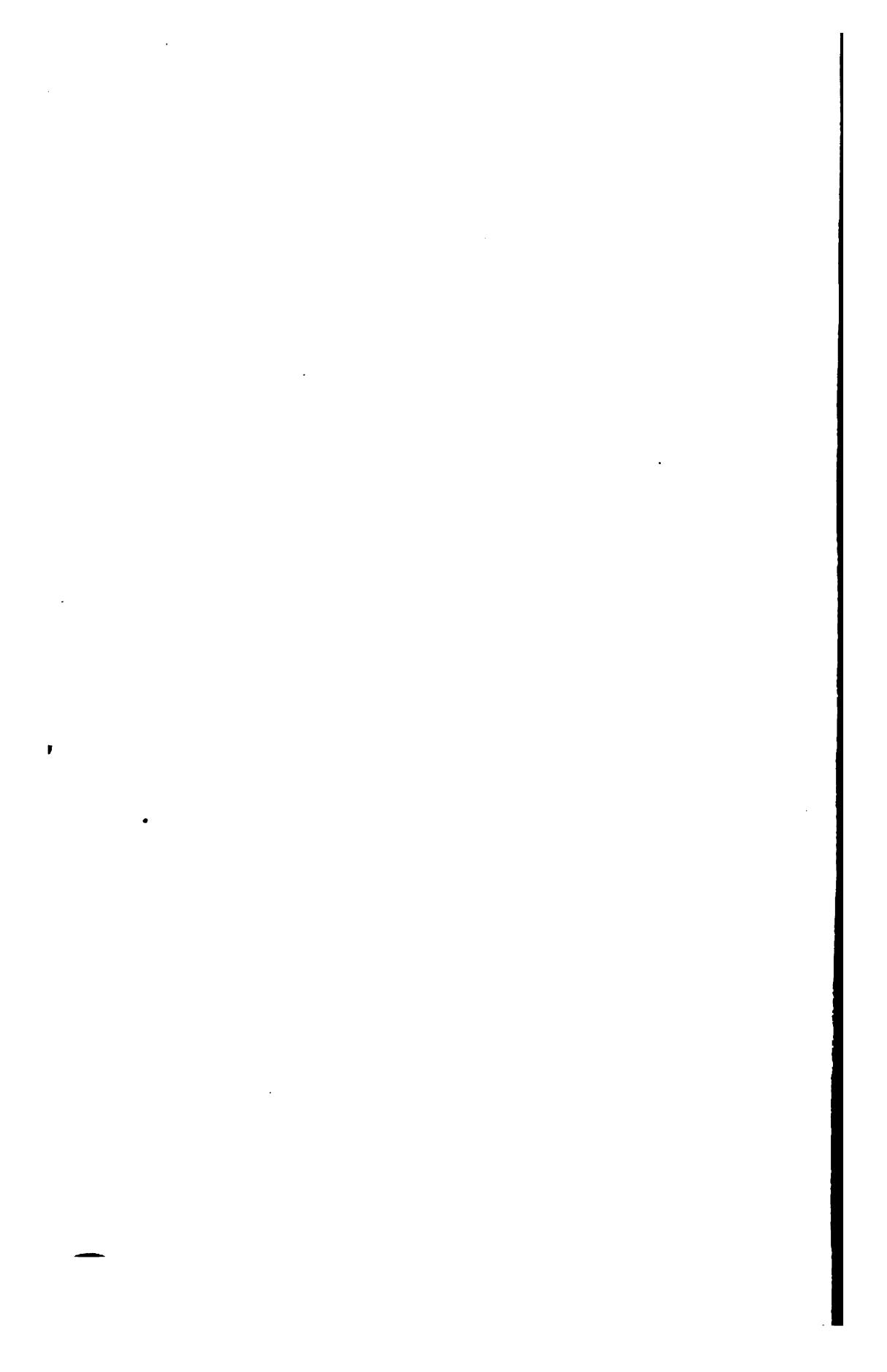
LUSIADAS, CANTO V, EST. XXXVII-LXX

ESTUDO CRITICO

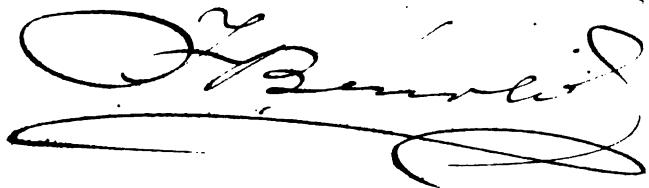
POR

JOSÉ BENOLIEL
S. S. G. L.





Crito de respeito, admiração e estima
ao Dr. ^{2º} ou Conselheiro Jayme Moniz
Pra seu recordar e de recordar.



7

EPISODIO

DO

GIGANTE ADAMASTOR

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

**3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.^a qualidade**

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

**CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA**

EPISODIO

DO

GIGANTE ADAMASTOR

LUSIADAS, CANTO V, EST. XXXVII-LXX

ESTUDO CRITICO

POR

**JOSÉ BENOLIEL
S. S. G. L.**



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1898

1

PQ 9224
B3

AO

MEU EXCELLENTE AMIGO

DR. XAVIER DA CUNHA

Tributo de gratidão e afecto.



Meu amigo:

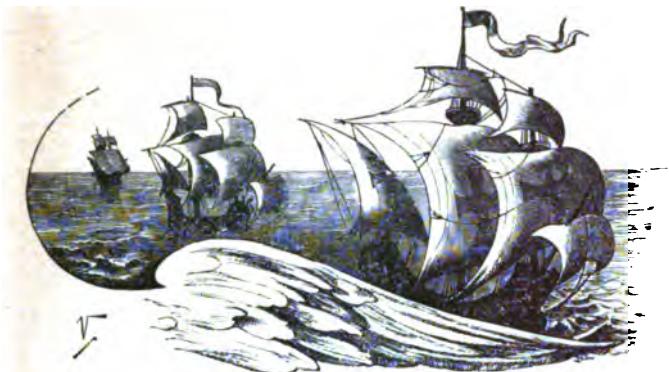
Li, felicito-o, congratulo-o e applaudo a mãos ambas. Mas, meu bom amigo, não posso dizer isto em fórmula viavel de prefacio como estimaria, e muito, para corresponder á honra do seu desejo porque... nem tempo me resta já para repousar o espirito e os olhos nestas desenfastiadas e consoladoras bellezas.

Mas o que me vinga é que o trabalho nada perde.

Lisboa, 10 de abril de 1898.

Luciano Cordeiro.





EPISODIO

DO

GIGANTE ADAMASTOR



UANDO, pela vez primeira, passando através do crystal poderoso e limpido dos *Lusiadas*, a grandiosa imagem do Genio das Tempestades, se projectou no fundo dos Espaços, e uma voz horrisona, transpondo os oceanos, anunciou de um polo a outro o nome formidavel de Adamastor, um echo, ressurgido das antigas eras, longa e clamorosamente repetiu esse nome do Titan recemvindo, e desde os Campos Elysiros, os immortaes espiritos dos Orpheos e dos Homeros inclinaram-se para ver o semi-deus camoniano e batem palmas.

Por um momento, o mundo christão, sacudido violentamente, sentiu rasgar-se a espessa columna de nuvens que, á semelhança do Moisés do Mar Vermelho, o Tempo accumulára entre o passado pagão e as crenças modernas; e, num longinquo aureo, cuidou ver agitar-se e despreguiçar-se de um sonno de mil annos a turba-multa dos mythos de Grecia e Roma, chegando-lhe por entre sons de saudosa melodia estas palavras: «Pan não morreu, os deuses voltam!»

Oh Camões! Era a força do teu genio soberano que assim reaccendia no espirito dos povos da Europa a lembrança das poeticas e vencidas ficções que lhes embalaram a infancia; era a tua ardente lyra que fazia reviver essas lendas entretecidas de amor, de bello e de grandioso, echoando subitamente no meio dos distrahi-dos descendentes dos povos gentilicos, com accento tão sentido, verdadeiro e grato, como é grata e sempre viva a memoria da plangente melopeia com que as mães encantam o berço dos seus filhos.

Porque o sceptro epico de Homero te foi legado, ó grande Poeta, esse sceptro omnipotente que, das peneiras selvagens e dos asperos promontorios perdidos nas reconditas paragens do extremo meridional da Africa, fez brotar á tua voz torrentes de poesia, de envolta com o nebuloso e medonho vulto de Adamastor, assim como a biblica vara do commando, da rocha secca e muda do deserto de Sin, fazia jorrar em ondas a agua crystallina.

Sublime arranco do genio creador! Não parece senão que, depois de ter feito vibrar, com a robustez e graça inexcediveis dos bardos antigos, todas as cordas da mais

rica lyra, o vate portuguez, inventando uma nova corda de todos elles desconhecida, não satisfeito de ter hombreado vitoriosamente com os mais distintos, se propuzesse excedê-los num derradeiro e unico esforço, augmentando ao mesmo tempo o numero já tão vasto dos Immortaes com a figura sombria e faiscante do mysterioso Genio dos mares antarcticos.

Então, por segunda vez, realizou-se um dos factos mais surprehendentes que a poesia primitiva soubera conceber; e, assim como do cerebro do grande Jupiter um estro privilegiado fez sair já crescida e armada a deusa Minerva em todo o esplendor da sua sabedoria e na majestade da sua força, assim da fronte olympica de Camões uma chammejante inspiração arrancou, já grande, medonho, com um nome apropriado¹, com a sua genealogia, sua historia, seu caracter, sua missão, aquelle ser que faltava ao rico pantheon mythologico, e do qual poder-se-ia dizer imitando o Voltaire: «Como Adamastor não existia, foi preciso inventá-lo».

Todavia, cumpre-nos ajuntar que, se o dom de crear é a faculdade innata, o apanagio e a prova mais alta do genio, não menos verdadeiro e real é o direito que assiste aos espíritos privilegiados de tirarem partido de todos os elementos que a natureza ou os homens lhes possam, por ventura, ministrar para a composição de suas immorredouras obras. O proprio Deus deu o exemplo, quando, para formar o homem, lançou mão do

¹ É possivel que a palavra hebraica *Adamah*, «terra», suggesse a Camões o nome de Adamastor, o que concordaria com o «Fui dos filhos asperrimos da terra».

barro já existente; e se Deus transformou o barro na mais perfeita das suas criaturas terrestres, transformando o mesmo barro em ouro, os grandes genios fazem quanto, abaixo de Deus, é possivel fazer-se. Todos conhecem o dito de Molière: «Je prends mon bien où je le trouve», com que altiva e nobremente replicára aos que o censuravam de ter introduzido nas suas comedias scenas inteiras de outros auctores. Bem haja a industriosa abelha que consente em deter o vertiginoso arfar das azas deante de cada flor por humilde que seja, e, não desprezando a gotta perfumada que cada corolla lhe offerece, sabe depois convertê-la em delicioso favo de mel. Outro tanto não faz a vespa, nem por muito que porfiasse o conseguiria, porque Deus não concedeu a todos o sacro condão de produzir e crear, com quanto ao alcance de todos deixasse livremente expostos os mesmos elementos.

* * *

A tres fontes diversas foi Camões beber a ideia prima do episodio de Adamastor: á Biblia, á mythologia grega, e principalmente a um conto arabe, que, entre os da collecção das *Mil e uma noites*, é chamado o «Conto do Pescador».¹

¹ Quando morreu Camões, já Shakspeare contava 15 annos de idade, e pouco tempo depois começava a sua carreira litteraria. Pois não obstante encontrar-se em condições menos favoraveis que o nosso grande Epico, não lhe deviam tambem se

Não se espante o leitor com esta ultima parte da minha asserção, que se Camões, como é notorio, era profundamente versado nos textos sagrados de que se aproveitou em mil circumstancias, e na mythologia que tão largamente explorou em todas as suas obras, tambem o devia ser, com quanto não conste, segundo imaginio, na litteratura arabe, como se poderia provar, não só com a demonstração e confrontação de textos de que mais adeante darei alguns relativamente ao meu thema, mas tambem com a de numerosas analogias de pensamento, expressão, methodo, e, sobretudo, de gosto e caracter que manifestamente se notam entre poesias arabes e muitas de Camões. Filho de uma terra onde tão vivas e proximas se conservavam as tradições, as lendas, a fama e influencia dos Arabes, que por tantos laços se prendiam ainda a Portugal, fôra Camões, em verdes annos pôr-se em contacto com elles, primeiro em Marrocos, e depois no Oriente, onde era impossivel que tão poderoso espirito passasse tantos annos sem colher abundante fructo das opulentas e fertilissimas searas de poesia e sabedoria, de que com razão se gloriam as regiões que viram e vêem sempre primeiro o nascer do sol. É preciso não esquecer que trinta e dois annos apenas haviam decorrido entre a expulsão dos Arabes de Hespanha e o nascimento de Camões, e que esses Arabes expulsos tinham elevado a poesia ao mais alto

extranhos os contos das *Mil e uma noites*, pois manifestamente se aproveitou de um d'elles «Abu-Haçan, o dormente acordado» para o Prologo de uma das suas mais espirituosas comedias, *The taming of the shrew*.

grau de perfeição antes de dizer para sempre adeus á terra onde nasceram. E que vestigios não existiriam ainda no tempo de Camões d'aquelles primores da musa arabe, que no lyrismo e poesia sentimental não tem rival no mundo?! Será, pois, de admirar que Camões tivesse conhecimento, e talvez maior do que ouso afirmar, d'aquellas preciosidades litterarias dos Arabes de Hespanha? e não será mesmo d'ahi que lhe vem esse que quer que seja de meigo, de mavioso, de melancolico e simples, essa riqueza de imagens, de ornatos, de côres, de brilho, sem sair nunca da natureza, que lhe dão um logar á parte entre todos os poetas europeus?

Quem tiver alguma pratica da litteratura arabe, fica, ao ler os versos de Camões, a cada instante surprehendido por umas vagas affinidades, ou antes por uma affinação que ha entre uma e outros, que desperta reminiscencias e impressões já experimentadas, e deixa como que o mesmo sabor da poesia oriental.

Já agora, não posso resistir á tentação de fazer alguns confrontos, e, por não ser este o logar e o caso mais apropriados, pois que aquelle estudo, sob varios pontos de vista interessante, merecia trabalho de mais folego e erudição, limitar-me-hei a duas ou tres citações que me occorrem neste momento.

Da Canção xvi extraio os versos seguintes:

Por meio d'umas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes aguas deleitosas,
Na ribeira de Buina, assi chamada,

Celebrada,
 Porque em prados
 Esmaltados
 Com frescura
 De verdura,
 Assi se mostra amena, assi graciosa,
 Que excede a qualquer outra mais formosa;

As correntes se vem, que acceleradas,
 As hervas regalando e as boninas,
 Se vão a entrar nas aguas Neptuninas,
 Por diversas ribeiras derivadas.
 Com mil brancas conchinhas a aurea areia
 Bem se arreia;
 Voão aves;
 Mil suaves
 Passarinhos
 Nos raminhos
 Accordemente estão sempre cantando,
 Com doce accento os ares abrandando.

O doce rouxinol num ramo canta,
 E d'outro o pintasilgo lhe responde,

.....

Seguem-se outras estrophes que são diferentes variações do mesmo thema, e acaba a pintura d'este lindo quadro com estes versos :

Logar alegre, fresco, accommodado
 Para se deleitar qualquer amante,

.....

Confronte-se com estes versos a seguinte poesia que extraio da *Anthologie arabe*, de Grangeret de Lagrange (impressa em Paris, em 1828), transcripta do cap. xvi do Halbet Alkomaït, e, a pag. 92, com a traducçao da :sma:

ونحن في مجلس انيق
 بين فصون تميس ملد
 مياهد فيه سارحات
 كدمع صب بكى لصد
 وروضة ما لها نظير
 من عنبر عرفها وند
 بها طيور مفردات
 ما بين بان وبين رند
 بعيد هذا بحسن صوت
 وطيب لحن ما ذاك يبدى
 فمن رأينا يقول عنا
 باننا في جنان خلد

Nous reposons voluptueusement dans un lieu délicieux, sous des rameaux mollement agités. Ici les eaux coulent en abondance, comme les larmes d'un amant lorsque sa bien-aimée se détourne de lui. C'est un bosquet qui n'a point son semblable; on y respire les parfums suaves du musc et de l'aloès; on y entend gazouiller des oiseaux qui ne quittent point le myrte et le myrobolanier. Les uns répètent d'une voix cadencée et pure les chants que d'autres ont commencés. Quiconque nous voit dit que nous habitons les jardins de l'éternité. Heureux état, etc.

Encontro igualmente analogia entre o Soneto seguinte e uma poesia arabe, que do mesmo livro copiarei a seguir:

Quando de minhas maguas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mim foi sonho nesta vida.

Lá numa soidade, onde estendida
A vista pelo campo desfallece,
Corro apôs ella; e ella então parece
Que de mim mais se alonga, compellida.

Brado: Não me fujais, sombra benina.
Ella, os olhos em mim co'um brando pejo
Como quem diz que já não pôde ser,

Torna a fugir-me: torno a bradar: *Dina* . . .
E antes que diga *mene*, accordo, e vejo
Que nem um breve engano posso ter.

Anthologie arabe, e pag. 86, traducçāo de um poemeto de Ibn-Khilkan:

جاءت تزور فراشى بعد ما قبرت
فظلت ثم نحرا زانه الجيد
وقللت قرة عينى قد بعثت لنا
كيف ذا وطريق القبر مسدود
قالت هناك عظامى فيه موعدة
تفت فيها بنات لارض والدود
وهدة الروح قد جاءتك زيارة
هذه زيارة من في القبر ملحوظ

Lorsque ma bien-aimée eut été déposée dans la tombe, elle
vint errer autour de ma couche, et je m'avancai pour baiser ce
voluptueux qu'embellissait encore un cou plein de grâces.

O charme de mes yeux ! m'écriai-je, serais-tu rendue à la vie,
pour le bonheur de ton amant ! Mais cela est-il possible ! le che-
min du tombeau à la vie est fermé. Elle répondit : Mes ossements,
il est vrai, restent dans la tombe, et les vers, fils de la terre, les
consument à toute heure ; mais c'est l'âme de ta bien-aimée qui
vient te visiter. Hélas ! telles sont les visites de ceux qui reposent
dans la tombe !

Na definição do *amor*, diz Camões:

É um estar preso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É um ter com quem nos mata lealdade.

E um poeta árabe:

ومن عجب العشق ان القتيل
يحنّ ويصبو الى القاتل

Etrangé effet de l'amour ! la victime soupire et est pleine de
tendresse pour son assassin.

Outro poeta árabe faz do *amante* o retrato seguinte,
que iremos confrontando, verso por verso, com poesias
de Camões:

وما في الارض اشقي من محبت
وان وجد الهمي حلو المذاق
تراء شاكيا في كل حال
مخافة فرقه او لاشتياق
فيشكو ان ناوا شوقا اليهم
ويشكو ان دنوا خوف الفراق

Il n'y a personne sur la terre de plus malheureux qu'un amant,
quoiqu'il trouve l'amour plein de délices.

Vi queixosos de Amor mil namorados,
E nenhuns inda vi com seus louvores;
E aquelle que mais chora o mal de amores
Vejo menos fugir de seus cuidados.

On le voit gémir à chaque instant; ou il appréhende un départ,
ou il soupire après un retour.

Dous tormentos vejo
Grandes por extremo:
Se vos vejo, temo,
E se não, desejo.
Quando me despejo,
E venho a escolher,
Tremendo o desejo,
Desejo temer.

Quand sa bien-aimée s'éloigne, il gémit, brûlant du désir de la
revoir; quand elle revient, il gémit encore, dans la crainte qu'elle
ne l'abandonne.

Pensamento analogo está tratado na deliciosa Redon-
dilha seguinte:

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo o Amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando,
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre uma mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar já cansados,
Algum descanso lhe dão;

D'esta sorte Leonor
 Suspende de quando em quando
 Sua dor; e em si tornando,
 Mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos agua,
 Que não quer que a dor abrande
 Amor, porque em magua grande
 Secca as lagrimas a magua.
 Depois que de seu amor
 Soube novas perguntando,
 D'improvisto a vi chorando:
 Olhae que extremos de dor!

Outra applicação d'esta ideia se encontra num Soneto
 de que cito os ultimos versos:

Sobre o fogo de amor inutil agua!
 Pois eu em chôro estou continuamente,
 E do que you chorando te vás rindo.

Assi nova corrente
 Levas de chôro em foro
 Porque de ver-te rir, de novo choro.

Escreve um poeta arabe:

ان كانت لا بدان نائية
 فنفوس اهل الحب تأتلّف
 يا رب مفترقين قد جمعت
 قلبها لا قلام والصحف

Si des amants sont éloignés les uns des autres, leurs âmes, du moins, sont unies par les noeuds les plus chers. Oh! combien de fois les cœurs de deux êtres qu'une dure nécessité a séparés, ont été rapprochés par les plumes et le papier!

E Camões, que parece ter adivinhado os fios telegráficos:

Senhora.....

Se amar presente vossa vista obriga,
 Amar ausente só o amor constrange,
 E isto quer Amor que se lhe deva.
 Mas, como um fio tem com que nos liga,
 Por elle vai e vem, que longe abrange,
 Uma alma até outra alma em fogo a leva.

Outro poeta árabe exprime-se assim:

وَمَنْ عَجَبَ أَنِّيْ أَرُوْمَ لِقَاهُ
 وَاسْأَلَ عَنْهُمْ دَانِمَا وَهُمْ مَعِي
 وَتَطْلِبُهُمْ عَيْنِي وَهُمْ فِي سَوَادِهَا
 وَيَشْتَاقُهُمْ قَلْبِي وَهُمْ بَيْنَ اصْلَعِي

Chose bien étonnante! je désire la présence de ma bien-aimée, je demande instamment de ses nouvelles, et elle est auprès de moi; mes yeux la cherchent et elle habite dans ma prunelle; mon cœur soupire après elle, et elle est dans mes entrailles.

E Camões:

Senhora minha, inda que ausente esteja,
 Se com tudo viver de vós ausente,
 Commigo vos terei sempre presente
 Que o longe faz amor que perto seja.

Amor.....

Não me pôde tolher, que vos não veja
 Nesta alma, que elle mesmo vos tem dada,
 Onde vos terei sempre debuxada,
 Por mais cruel imigo que me seja.

Transforma-se o amador na cousa amada,
 Por virtude de muito imaginar;
 Não tenho logo mais que desejar,
 Pois em mim tenho a parte desejada.

Mas no queréis mirar mi grande devaneo,
 Que tengo yo en mi alma a mi Señora,
 Y diga: Donde estás que no te veo?!

Se só de ver puramente
 Me transformei no que vi,
 De vista tão excellente
 Mal poderei ser ausente,
 Em quanto o não for de mi.
 Porque a alma namorada
 A traz tão bem debuxada,
 E a memoria tanto voa,
 Que se a não vejo em pessoa
 Vejo-a n'alma pintada.

Começa a Canção xv, de Camões, do seguinte modo:

Que é isto? Sôrno? Ou vejo a Nympha pura,
 Que sempre n'alma vejo?
 Ou me pinta o desejo
 O bem que em vão cada hora me assegura?
 Mal pôde a noite escura,
 Amando a sombra fria,
 Mandar-me em sonho a luz formosa e bella,
 Que se não torne em dia,
 De seus luzentes raios inflammada.
 Oh vista desejada
 De graciosa Nympha e viva estrella!

E o poeta Omar Ben-Faredh principia tambem uma das suas mais delicadas poesias por uma interrogação e uma imagem semelhantes:

اویض برق بالابیرق لاحا
 ام فی ری نجد اری مصباحا
 ام تلك لیلی العامرة اسفرت
 لیلا فصیرت المساء صباجا

Est-ce la lueur rapide d'un éclair qui a brillé dans la plaine sablonneuse? ou, sur les hauteurs de Nadjd aperçois-je la clarté du jour? Ou bien serait-ce Leila, fille de la tribu d'Amer, qui, découvrant, pendant la nuit, son visage resplendissant, a changé les ombres du soir en un matin radieux!

Acabarei estas approximações com o Soneto:

Como podes (oh cego peccador!)
 Estar em teus erros tão isento,
 Sabendo que esta vida é um momento
 Se comparada com a eterna for?

Não cuides tu que o justo Julgador
 Deixará tuas culpas sem tormento,
 Nem que passando vai o tempo lento
 Do dia de horrendíssimo pavor.

Não gastes horas, dias, mezes, annos,
 Em seguir de teus damnos a amizade
 De que depois resultam mores damnos

E pois de teus enganos a verdade
 Conheces, deixa já tantos enganos,
 Pedindo a Deus perdão com humildade.

Eis agora, para confronto, duas poesias árabes do mesmo género:

ثلاث وستون قد جزتها
 فيما ذا تومل او تنتظر
 وحل عليك نذير المشيب
 فيما ترعى او فيما تزدجر
 تمر لياليك مرا حيشا
 وانت على ما ارى مستمر
 فلو كنت تعقل ما ينقصى
 من العمر لاتضط خيرا بشر
 فيما لك لا تستعد اذن
 لدار المقام ودار المقر
 انرحب عن سجا للمنون
 وتعلم ان ليس منها مفر
 فاتما الى جنة ازلفت
 واما الى سقر يستعر

Déjà tu as passé soixante-trois ans; qu'espères-tu donc maintenant? qu'attends-tu? Les avants-coureurs de la mort sont descendus auprès de toi, et tu ne t'abstiens pas de l'iniquité! et tu ne la repousses pas loin de toi! Nos jours s'envuent d'un vol précipité, et tu persistes dans tes égarements! Ah! si tu eusses été sage pendant tout le temps qui vient de s'écouler, tu aurais échangé ta vie criminelle contre une vie meilleure. Pourquoi ne te prépares-tu pas une place dans la demeure stable et éternelle! Est-ce que tu désires te sauver du trépas? tu sais bien qu'il n'épargne personne. Après cette vie, tu seras introduit ou dans un jardin délicieux, ou dans un enfer qui étend au loin ses flammes.

ثلاثون عاما قد تولت كأنها
 حلم تقضت او بروق خواطف
 وجاء المشيب المنذر المرة آنـه
 اذا رحلت عنه الشبيبة قالـف
 فـيا اجد الخوان قد ادبر الصـى
 ونـاداكـ من سنـ الكـهـولة هـاتـفـ
 نـهلـ اـرقـ الـطـرفـ الزـمانـ الذـى مـصـىـ
 وـابـكـ ذـنبـ فـدـ تـقـدمـ سـالـفـ
 فـجـدـ بـالـدـمـوعـ الحـمـرـ حـزـنـاـ وـحـسـرـةـ
 فـدـمـعـكـ يـبـيـ انـ قـلـبـكـ اـسـفـ

Trente années se sont écoulées comme de légers songes, ou
 comme de rapides éclairs. Enfin elle est arrivée la vieillesse qui
 avertit l'homme que, lorsque la saison du jeune âge est passée,
 il doit bientôt mourir. Infidèle Ahmed! ta jeunesse s'est enfuie et
 ton âge avancé t'adresse de continuels reproches. Tes yeux ont-ils
 veillé pendant le temps qui s'est écoulé? Le regret de tes fautes
 les a-t-il baignés de pleurs? Eh bien! que la tristesse et la douleur
 t'arrachent aujourd'hui des larmes de sang; ce n'est que par tes
 larmes que tu feras connaître que ton cœur est vraiment affligé.

É escusado dizer que as analogias, que se podem encontrar entre a poesia camoniana e a arabe, quando não sejam senão fortuitas, provariam ainda assim que esta lhe não era de todo desconhecida.

Mas é tempo de voltarmos ao nosso primeiro argumento, isto é, ao episodio de Adamastor.

* * *

O apparecimento repentino de um ser sobrenatural, cortando, com o seu vulto atemorizador, o caminho aos homens, é facto muito frequente nas Sagradas Escrituras.

Já no Genese (III, 24) deparam-se-nos os Cherubins, que, de espada flammejante em punho, defendem e vedam a entrada do paradizaco jardim do Eden.

Mais longe (XXXII, 2) conta-se que, proseguindo Jacob na sua viagem, momentaneamente interrompida pelo encontro com Laban, saíram-lhe ao caminho duas (?) legiões de anjos.

Diz o mesmo capitulo (25 e segs.), que, quando por alta e tenebrosa noite, sózinho á beira do Jabbok, Jacob se dispunha a atravessar a torrente, um ser mysterioso, subitamente erguendo-se-lhe na frente, lucta e forceja com elle para lhe tolher a passagem.

Um caso parecido apresenta-se-nos no Exodo (IV, 24); mas d'esta vez é contra o proprio Moisés, viajando na companhia da mulher e dos filhos, que um ser divino se levanta ameaçador como para oppor-se á realização da missão sublime que o leva á terra do Egypto.

Porém, é mais adeante (Num., XXII, 22-35) que assistimos a uma das mais extraordinarias manifestações, devidamente circumstanciada, em que um anjo sai expressamente ao caminho contra Balaam para o molestar e obrigá-lo a retroceder. Este episodio biblico offerece varios pontos de contacto, além da ideia geral ser identica á de Camões, com o de Adamastor.

Entretanto o que maior somma de elementos ministrou ao grande Poeta lusitano, ou ao Romancista arabe, para o tecido das suas composições, é de certo a visão de Daniel, narrada no livro do mesmo, cap. x e seguintes.

Citarei só alguns versículos d'esta passagem (x, 4-9), e, como para o nosso assumpto uma traducção qualquer é suficiente, sirvo-me da de Antonio Pereira de Figueiredo, que é a que tenho mais á mão, com quanto esteja longe de ser irreprehensível.

וכיומ עשרים וארבעה לחודש הראשון ואני הייחו על זר
הנהר הנורל הוא חוקל:

ואשא את עיני וארא והנה איש אחד לבוש ברוים ומתנוו
חנורים בכתם אופן:

ונגיתו כחריש ופניו במראה ברק ועינו כלפיד אש וזרעתי
ומרגליך צען נחשת קל וקול דבריו כקל המון:

וראיתי אני דני לבי את המראה והאנשים אשר היו עט
לא ראו את המראה אבל חרדה נדולה נפלה עליהם ויכרתו
בזהב:

ואני נשארתי לבי וראתה את המראה הנורלה הזאת ולא
נשאר כי כה והוא נחפק עלי למשחת ולא עזרתי כה:

ואשמע את קול דבריו וכשמע את קול דבריו ואני הייחו
נדדם על פני ופni ארצתה:

No dia vinte e um, porém, do primeiro mez estava eu ao pé do grande rio Tigre,

quando, tendo levantado os olhos, vi de repente um homem vestido de linho, e cingido pelos rins com um cinto de purissimo ouro.

O seu corpo era como uma pedra de chrysolitho; o seu rosto brilhava como uns relampagos; e os seus olhos pareciam uma lampada accesa; os seus braços e todo o resto do corpo até os pés, eram como um arame luzente; e o som da sua voz era como o estrondo de uma multidão de homens.

Eu, Daniel, vi esta visão só; e os que estavam commigo não a viram; mas sobre elles caiu um grande medo, de sorte que fugiram para uns logares escuros.

Tendo eu, pois, ficado sósinho, vi esta grande visão: as forças do meu corpo me faltaram, e até se me mudou o rosto: todo eu me murchei, e não me ficou vigor algum.

Eu ouvi o estrondo de uma voz; e ouvindo-o jazia deitado sobre o meu rosto, todo espavorido, etc.

É facil ver que o facto aqui narrado coincide na forma, disposição e sequencia de pensamentos com o de Camões.

Assim pois, e voluntaria ou involuntariamente, com o determinado proposito de imitar uma d'essas imponentes e misteriosas manifestações tão frequentes nos Textos sagrados, ou por simples e inconsciente reminiscencia, o grande Epico é devedor á Biblia da ideia que o levou a levantar na frente de Vasco da Gama e seus companheiros o tremendo e indefinido colosso, que até o nome parece tirar dos livros hebreus.

* * *

Mas se a ideia inicial e fundamental d'aquelle episodio provém directamente da inspiração biblica, a côr local, o tom da linguagem, os atavios, o aspecto geral emfim, tudo o que constitui apenas a forma apresenta-se com o cunho convencionalmente classico da epopeia grega. É preciso tambem notar, que, comquanto Adamastor se filie elle proprio na familia dos Gigantes, o papel que desempenha é antes o de Titan, pela sua forçada assimilação a uma montanha, lembrando até os dois irmãos, Atlas e Prometheu, por estar, como o primeiro, incumbido de uma missão, a de guardar a passagem dos mares austraes, e por ter, como o segundo, a faculdade prophetica.

A não ser esse colorido exterior, algumas lembranças mythologicas, como a guerra e desbarato dos Gigantes, e a citação de alguns nomes proprios, taes como Encelado, Egeu, etc., e o da propria Thetis — que mais se parece aqui com Circe do que com a que a lenda nos pinta ao falar-nos da mãe de Achilles, pois que, se, a exemplo de Proteu, esta possuia a faculdade e o habito de se metamorphosear a si propria, é a Circe que se attribuí o poder de encantar e transformar os outros — a não ser tambem a introducção de Jupiter, Vulcano, Neptuno, Nereu, etc., que apenas figuram como comparsas, nada mais provém de origem grega, sendo antes o fundo, o enredo e o desenlace de todo o episodio de fonte puramente oriental, pelas analogias demasiado frequentes para serem casuaes que offerece com os

passos bíblicos citados ou com o «Conto do Pescador» das *Mil e uma noites*.

Antes, porém, de encetarmos a confrontação dos textos, precisamos entrar em algumas considerações que julgamos oportunas.

Não se pôde deixar de reconhecer que o Adamastor de Camões representa dois papéis de todo distintos, e que perfeitamente se poderiam desdobrar entre dois protagonistas diferentes sem prejuízo nenhum para o caso.

Primeiro, na qualidade de Titan, a quem está confiada a guarda dos mares austraes, Adamastor é o Genio do Sul, como Boreas o é do Norte, e, por ser um ente sobrenatural, tem o poder de prever e annunciar o futuro, de mover tempestades e interpôr o seu agigantado vulto entre os dois Oceanos. Este é o seu caracter principal, e assim no lo apresenta o Poeta ao principio. Então, perante a nossa imaginação, assume aquelle ser um aspecto imponente, majestoso, formidavel, talvez mais do que o proprio Jupiter Tonante dos Gregos, tão attenuado e humanizado, menos pelas aventuras que a poesia d'esse povo lhe attribuí, e pelo forçado amesquinhamento a que a arte dos Phidias e Praxiteles lhe reduz a figura, do que pela proximidade da mansão, o Olympo; aonde a mesma lenda lhe determina a residencia. É, com effeito, o inesperado da apparição, e o logar afastado de todo ponto habitado em que ella ocorre, o que constitui a razão principal de assombro, de espanto e horror tanto em Vasco da Gama e seus companheiros, como no leitor de semelhante acontecimento. Depois da primeira impressão, custa a crer qu-

o espirito se submetta a ver naquelle horrivel phantasma outra cousa que não seja unicamente o Genio das Tormentas; e era preciso o Genio da Poesia para conseguir, sem escandalo do bom senso (permitta-se-me o termo), humanizar e até tornar sympathico e digno de lastima aquelle medonho Polyphemus austral.

É, pois, este o segundo papel que Adamastor representa e que o transforma completamente. Como apixonado de Thetis, é um simples galan, não só incapaz de antever o futuro, mas sujeito a todas as fragilidades humanas, inclusivamente ás mais ridiculas aberrações, caíndo em logros que nos trazem á memoria aquelles pobres Gigantes namorados, que nos pinta Ariosto, e que, perseguem desesperada e inutilmente a bella e falsa Angelica, e são a todo instante por ella ludibriados, sem comtudo deixarem de suspirar pela celebre *coquette* dos tempos da Cavallaria Andante. Ora, que tem que ver este Adamastor com o primeiro? Quanto grande e prodigioso se mostrou a principio, quanto em fraco e pusillanime se converteu no fim. Pode-se afiançar que não é o mesmo que conhecemos, porque se aquelle era digno da mais sublime Epopeia, este não parece senão um personagem de Zarzuela. Assim é que, não obstante todos reconhecerem, no Extraneiro, o sublime do episodio, a ponto de declarar que «é talvez a mais ousada, e magnifica evocação que nos offereça a poesia epica», no entanto, supprimem geralmente na traducção tudo o que se refere aos amores do Gigante com a bella Thetis. Quer procedam assim no intuito de encurtar a narração, quer por considerarem esta parte como discordante e sem homogeneidade com a pri-

meira, o certo é que, supprimindo-a, tacitamente dão a entender que a não julgam necessaria, como tambem é certo que não attingiram o pensamento do Poeta; cujo talento superior, nesta extraordinaria prosopopeia, quiz pintar, com cōres que só elle possuia, e com matizes gradualmente descendentes, a apparição de um longinquo perigo que se vai a pouco e pouco sumindo á medida que se approxima, pensamento este que La Fontaine synthetisou neste verso:

De loin c'est quelque chose, et de près ce n'est rien.

Ficando, pois, assim bem destacados os dois personagens distinctos que o Poeta reune no seu Adamastor, digamos em poucas palavras o assumpto do «Conto do Pescador», para depois ser-nos mais facil o confronto das duas obras.

Depois de varias e infructiferas tentativas, um pobre Pescador apanhou nas suas redes um vaso de cobre, rolhado e sellado, d'onde, assim que o destapou, saiu um fumo espesso que se elevou no ar estendendo-se por toda a atmosphera, e que, agitando-se subitamente se converteu num horrivel Genio. Este, mal se vê livre da estreita prisão d'onde durante dezoito seculos esperou que alguem o viesse soltar, ameaça com a morte o Pescador, que, depois de baldados esforços, razões e supplicas para escapar áquella sentença, usa de um habil estratagema, convencendo o Genio a voltar para o frasco em que immediatamente o torna a prender. Para recuperar a liberdade, o Genio promette-lhe uma recompensa; e, com effeito, conduze-o a um lago encan-

tado, onde o Pescador apanha quatro peixes de côres diferentes, que lhe merecem do rei a quem os offerece uma avultada quantia. No momento em que os peixes são postos ao lume, entreabre-se a parede da cozinha e surge uma mulher de grande belleza, que os atira para dentro do fogo. Chegando isto aos ouvidos do rei, informa-se do lago onde esses peixes foram agarrados, e reconhecendo em tudo um mysterio digno da sua attenção, põe-se a caminho no intuito e esperança de encontrar alguem que lh'o possa explicar. Assim chegou a um palacio que a principio lhe pareceu deshabitado, e onde depois, attrahido por lastimosos gemidos, encontrou, no logar mais recondito, um joven principe, sentado num throno magnifico, e chorando amargamente por ver-se desde muito, com a metade do corpo petrificada, pelos maleficios de uma feiticeira, prima d'elle, com quem tinha casado, e que depois de lhe ter sido infiel, e de o ter reduzido áquelle estado, vinha todos os dias torturá-lo, fustigando-o na parte do corpo ainda sensivel, até o sangue correr.

Como é de esperar, termina a historia com a morte da malvada feiticeira adultera e com a salvação do principe, graças ao valor e astucia do aventuroso rei.

* * *

Vamos agora á comparação exacta dos textos.

Estancia xxxvii :

Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

ولَكُنْ خَرَجَ مِنْ ذَلِكَ الْقَمْمَ دُخَانٌ صَعَدَ إِلَى عَنَانِ
السَّمَاءِ وَمَشَى عَلَى وَجْهِ الْأَرْضِ

Eis que d'aquelle vaso saiu um fumo espesso que se elevou até ás nuvens e se estendeu pela face da terra.

Estancia xxxviii :

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo.

Estes dois versos seguem-se aos anteriores que citei, e no texto arabe, tambem á phrase citada, succede logo a seguinte reflexão:

فَتَعْجَبُ الصَّيَادُ غَايَةُ الْعَجَبِ

Sobresaltou-se o Pescador e ficou cheio de espanto.

Estancia xxxix :

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida
De disforme e grandissima estatura.

ثُمَّ انتفَضَ فَصَارَ عَفَرِيتًا رَاسِهِ فِي السَّحَابِ وَرِجْلَاهُ فِي
الْتَّرَابِ

Em seguida agitou-se e appareceu um Gigante, cuja cabeça tocava as nuvens, e cujos pés descansavam na terra.

Continuação da Estancia xxxix :

O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.

براس كالقبة وايد كالمدارت ورجلين كالصوارى وفم كالغاره
واسنان كالحجارة ومناخير كالابريق وعينين كالسراخين وهو
أشعش اغبر

Com uma cabeça semelhante a um zimborio, as mãos como forcados, as pernas como mastros, a bocca como uma *caverna*, os dentes como *pedras*, as ventas como *relampagos*, os olhos como *dois pharoes*, os *cabellos crespos e cheios de terra*.

Na estancia XI., continua-se a descripção do Gigante, entrando nella a comparação com o Colosso de Rhodes (comparação que condiz com a dos pharoes do texto arabe, cujo auctor não ha de competir em erudição com Camões, de certo), annuncia-se que Adamastor vai falar, e manifesta-se o estremecimento causado pela sua apparição e o estrondo da sua voz:

Arripiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos só de ouvi-lo e vê-lo.

فَلِمَا رَأَى الصَّيَادُ ذَلِكَ الْغَرِيتَ ارْتَعَدَ فِرَانْصَهُ
وَتَشَبَّهَتْ اسْنَانَهُ وَنَشَفَ رِيقَهُ وَعَمِيَ عَنْ طَرِيفَهُ

Quando o Pescador viu aquelle Genio, estremeceram-lhe todos os nervos, os dentes prenderam-se-lhe uns aos outros, seccou-se-lhe a saliva, e annuviaram-se-lhe os olhos.

Em seguida o Gigante, em ambos os auctores, rompe o silencio com uma exclamação.

Aqui os textos separam-se, como é natural, pois que cada um tem um objecto diverso a tratar. No entanto, as analogias continuam-se, pois que ambos os Gigantes só abrem a bocca para annunciar desgraças aos seus

interlocutores. O do conto arabe ameaça com a morte o pobre Pescador, o dos *Lusiadas*, profere mil ameaças futuras contra Vasco da Gama ou sua nação.

Diz a Estancia XLI:

Pois os vedados terminos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estrano ou proprio lenho;

Na narração arabe, aquelles «vedados terminos quebrantados» estão representados pelo vaso occulto no fundo do mar e sellado com o sello de Salomão, que o Pescador abriu imprudentemente. E quanto ao tempo de que os versos falam, segundo o calculo do Pescador, mil e oito centos annos havia que o Gigante estava, não guardando, mas guardado no seio das ondas, sem que ninguem apparecesse para de lá o tirar.

Estancia XLIV:

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança.

São quasi litteralmente as palavras do Genio das *Mil e uma noites*.

وقلت في نفسي كل من خلصني في هذه الساعة قتليه
ومنيته كيف يموت وهو انت قد خلصتني ومنيتك كيف
تموت

E então disse: todo quem d'ora-ávante me tirar d'aqui, matá-lo-hei, deixando-lhe a escolha da morte, e, pois me tiraste tu, escolhe o genero de morte que te apraz.

Continua a Estancia XLIV:

E não se acabará só nisto o damno
Da vossa pertinace confiança.

قال له لا تطمع فلا بد من موتك

Disse (o Gigante): não conserves esperança, que não ha remedio senão morreres.

Estancia XLIV:

Sabe, que quantas naus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas;
E na primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mor o damno que o perigo.

Com esta estancia offerece tambem alguma analogia o discurso que o Pescador fez ao Genio, depois que, por meio de um habil artificio, conseguiu encerrá-lo e prendê-lo de novo no vaso magico d'onde saíra:

ونادى الغريت وقال له تمن على اى موتة تمونتها
لارميتك في هذا البحر وابنى لى هنا بيتا وكل من اتنى هنا
امنه ان يصطاد واقول له هنا غريت وكل من طلع يبيين
له انواع الموت وخيرة بينها

Interpellou (o Pescador) o Genio e disse-lhe: Pensa tu agora no genero de morte que mais te agrada; vou lançar-te para este mar, e construir na margem uma casa a fim de obstar a que alguem venha pescar nestas paragens, dizendo a cada um: ha aqui um Genio, e áquelle que o tirar da agua, só lhe resta escolher entre mil mortes a que mais lhe agradar.

Como se vê, o Pescador do conto arabe e Adamastor, exprimem com palavras diferentes em harmonia com o carácter e objecto de cada um, um pensamento idêntico, que se reduz ao seguinte: «Todos os que se atrevem a sulcar estas águas, inimiga terão esta paragem».

O desaparecimento de Adamastor effectua-se bruscamente como o do Genio das *Mil e uma noites*:

Estancia LX:

Assim contava, e co'um medonho choro,
Subito de ante os olhos se apartou.

ثُمَّ دَقَّ لَارِضٍ بِقَدْمِيهِ فَانْشَقَتْ وَابْتَلَعَهُ

Em seguida batteu com o pé a terra que se abriu e o engoliu.

Não param só nestes factos as semelhanças entre as duas narrações. Ha-as até no carácter dos dois Genios. Como Adamastor, o Gigante arabe tem o dom de ler no futuro, pois antes de se retirar, não falta de prever grandes venturas ao Pescador. Ambos são rebeldes, Adamastor contra Jupiter, o Genio do conto contra Deus e contra Salomão, o propheta e filho de David. Ambos também encetam a propria historia do mesmo modo, e quasi com expressão identica. Diz Adamastor (L, LI).

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo

Fui dos filhos asperrimos da Terra,
Qual Encelado, Egeo e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano.

E o Genio do conto exprime-se assim:

أني أنا من الجن المارفين وقد عصيت سليمان بن داود
أنا وصخرات الجن

Eu sou um dos Genios dissidentes. Revoltei-me contra Salomão,
filho de David, eu e o Genio Sacharat.

É de notar que cada um dos dois Genios, cita, ao apresentar-se, alguns dos seus companheiros, rebeldes como elle.

É tambem analogo o castigo: O Genio das *Mil e uma noites*, como Adamastor, perde logo a liberdade, e ambos teem o mar como carcere, com quanto um fique encerrado num frasco de metal e o outro ligado a um rochedo.

Cumpre aqui entrar em certas considerações.

Parece, á primeira vista, que Adamastor foi duas vezes transformado em pedra. Na Estancia LVI, diz-se:

Estando co'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

Mas não ficou tal, e é pena. A imaginação sente-se admiravelmente impressionada pelo grandioso d'este novo supplicio tão superior ao de Prometheu; pois se este foi amarrado ao Caucaso por uma corrente de diamante, aquelle ficando preso a um promontorio, ao Promontorio das Tormentas, pelos proprios braços que d'esse monte se não podiam desprender, produzia um effeito mais vivò, e lembrava, mas em ponto infinitamente mais commovedor e assombroso, o castigo de

Milão de Crotona, indo elle mesmo prender-se na arvore que pretendia rachar, e pôr-se assim á mercê de um leão, sem conservar meio algum de defeza, nem liberdade para fugir. Assim ficava tudo explicado, e parava a narração no ponto mais culminante do interesse. Não sucedeu isto, e o Gigante, voltando a si, e rehavendo o uso dos seus membros, parte-se d'ahi

A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de seu pranto e de seu mal se risse.

Mais tarde, e quando menos se esperava, é que lhe foi applicado o castigo dos seus atrevimentos.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram ;
Estes membros que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam :
Emfim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deuses; e, por mais dobradas maguas
Me anda Thetis cercando d'estas aguas

Vê-se dos dois ultimos versos, que o Gigante considera a sua desgraça como castigo, não da sua rebeldia contra Jupiter, mas só da sua atrevida pretensão relativamente a Thetis.

Do facto de não ter logo ficado Adamastor e para sempre «junto de um penedo outro penedo» resulta, se me não engano, algum arrefecimento na narração, e origem talvez ás seguintes objecções:

Primeiramente, Doris vai muito assustada contar o caso do Adamastor, a Thetis, sua mãe, e d'esta obtem resposta que tambem demonstra algum receio :

De medo a deusa então por mi lhe falla;
 Mas ella co'um formoso riso honesto
 Respondeu: Que será o amor bastante
 De Nympha, que sustente o d'um Gigante?
 Comtudo, por livrarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira
 Com que com minha honra escuse o damno.

Se, pois, havia logar para apprehensões naquelle momento, muito mais devia haver depois do logro a que Thetis sujeitou o Gigante, a não ser que a Deusa tivesse o poder de o conservar preso para sempre ao penedo, e por esta forma invalidar-lhe as forças e obstar a toda tentativa de vingança.

Depois d'isto, custa a comprehendere como tão soberbo e valeroso Gigante, que a principio

Determinou por armas de tomá-la

ficando tão «irado» pela burla de que fôra victima, d'alli se partisse sem uma ideia sequer de vingança e «chorando andasse os seus desgostos» como um fraco e pusillanime mortal qualquer.

Mas não cause espanto não ter Camões pensado em tal vingança. Pensou elle jamais em vingar-se das infidelidades das deusas a que prestára tantas vezes culto e homenagem? A sua unica desforra era cantá-las em versos ainda mais harmoniosos e cheios de saudade e sentimento. Nunca da bocca ou da penna lhe saíu uma palavra de cholera ou de indignação. E entretanto, Gigante era elle, e bem superior ao do Cabo das Tormentas, pois que sem Camões aquelle não existiria.

Tormentas tambem e não poucas nem menos violentas lhe andaram sempre agitando e amargurando a vida. Como Adamastor tambem se viu obrigado a partir-se da sua patria, podendo perfeitamente applicar a si proprio aquelles quatro versos :

D'aqui me parto irado, e quasi insano
 Da magua e da deshonra alli passada,
 A buscar' outro mundo, onde não visse,
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

Se melhor conhecessemos a vida do grande Poeta, quem sabe se não encontrariamos nos seus infelizes amores com a Nathercia a chave dos amores de Adamastor com a Thetis? Como Adamastor, Camões tentou elevar a sua posição pelas armas, e só alcançou dissabores e a perda de um olho. Quem ignora que os Cyclopes, aquelles outros fabulosos Gigantes da Odysseia, como Camões tinham um olho sómente? E se os Cyclopes, tão semelhantes a Adamastor, fabricavam os raios de Jupiter, não eram raios de luz que despedia a jorros o cerebro divino de Camões? E emfim para mais fristar a analogia, se a um rochedo se encontrava preso o desgraçado Gigante, a outro o estava o infeliz Poeta, onde provavelmente, inspirado pelas proprias maguas, escreveu o sublime episodio de que tratamos, e onde

..... por mais dobradas maguas
 O andava *Nathercia* cercando de... *saudades*

Nem havia modo mais poetico e energico de exprimir o sofrimento moral e intellectual a que a fortuna in-

grata e a injustiça e cegueira humana o condemnavam, do que, — tortura mais tremenda que a do tremendo *curare*, — a paralysia e petrificação do espirito e da vontade, conjunctamente com a exasperação mais lancinante de todas as fibras do coração. E se este episodio tem, deveras, relação com o proprio auctor, como não me custa nada acreditar, explica-se e justifica-se naturalmente a razão por que o heroe d'elle, Adamastor, representa aquelles dois papeis distintos, — o de Genio nebuloso e tremendo das tempestades do Sul, e o de amante infeliz e digno de compaixão.

No conto arabe, estes amores passam-se num canto afastado do mundo, nas Ilhas Negras, ou Ilhas dos Quatro Montes. Como já dissemos, em logar do Gigante é um principe, que é victima da mulher por quem suspira. Esta, de uma belleza inexcedivel, soube durante muito tempo fingir-se apaixonada por elle; mas, ás avessas de Thetis, só o estava e furiosamente de um horrendo Preto monstruoso, não obstante «a grandeza feia do seu gesto», os medonhos beiços e outras disformidades que o deviam tornar mais repugnante. Assim é que, mesmo quando divergem, o auctor arabe e o poeta portuguez conservam analogias notaveis. Mas, é possivel que nem essa divergencia seja real, e que, por uma delicadeza assás plausivel e digna de um espirito como o de Camões, este haja de proposito invertido os papeis, com o fim de salvar a dignidade de alguma feiticeira de seu conhecimento não menos infeliz na escolha — voluntaria ou forçada — do amante que a princeza das *Mil e uma noites*. Sirva em abono d'esta isserção o seguinte Soneto:

Nos braços de um Sylvano adormecendo
Se estava aquella Nympha que eu adoro,
Pagando com a bocca o doce foro,
Com que meus olhos foi escurecendo.

Oh bella Venus! porque estás soffrendo
Que a maior formosura do teu coro
Em um poder tão vil perca o decoro
Que o merito maior lhe está devendo?

Eu levarei d'aqui por presupposto
D'esta nova extranheza que fizeste,
Que em ti não pôde haver cousa segura.

Que, pois o claro lume, o bello rosto
Áquelle monstro tão disforme déste,
Não creio que haja amor, senão ventura.

Podemos ajuntar a este, o Soneto XIV:

Todo animal da calma repousava

referido á Nathercia, como se vê da Glosa do mesmo:

Depois que a clara Aurora a noite escura

o Soneto XLIII:

O cysne quando sente ser chegada;

o Soneto XLV:

Tomava Daliana por vingança;

o Soneto LVII:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades;

o Soneto LXX:

Na metade do céo subido ardia;

o Soneto CV:

Quem podéra julgar de vós, Senhora;

e principalmente o Soneto CXII:

Na margem de um ribeiro, que fendia,

e a admiravel Egloga XI:

Parece-me, Pastor, se mal não vejo,

que, debaixo de uma ficção inspirada da linda Pastoral de Longo, *Daphnis e Chloé*, parece conter a propria historia dos malogrados amores do grande Poeta, Egloga ultimamente tão habil e dramaticamente modernizada pela primorosa pena de um talentoso poeta portuguez, o meu amigo prezadissimo Guilherme de Santa Rita, no seu *Poema d'um Morto*.

Cheio de justa indignação, o principe fere mortalmente o seu horrendo rival, mas é impotente contra a princesa, que, na sua qualidade de feiticeira, se vinga e vinga o amante, transformando os habitantes das quatro ilhas nos multicoses peixes do lago encantado, e o proprio esposo em um ser metade de pedra e metade de carne, para assim ficar sensivel aos tormentos a que quotidianamente o submette.

ثم وقفت على قدميها وتكلمت بكلام لا افهمه وقالت
جعل الله بسحري نصفك جرا ونصفك لآخر بشرا فصرت
كما ترى وبقيت لا اقوم ولا افعد ولا انا ميت ولا انا
حي ثم انها كل يوم تعذبني وتصربني بسوط من
الجلد ماية ضربة حتى يسيل الدم * ثم ان الشاب بكى

Então, levantou-se (a princesa) e proferindo palavras que eu não comprehendi, disse: Permitta Deus que por meus encantamentos o teu corpo se torne metade pedra e metade carne. E fiquei, como vês, nem de pé, nem sentado, nem vivo nem morto. E depois de tudo isto, cada dia vem ella atormentar-me e açoitar-me, com um latego de coiro, até fazer correr o sangue. Depois d'estas palavras, desatou o mancebo a chorar.

E que diz Camões, Estancia LIX ?

Converteu-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam:
Emfim, minha grandissima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os deuses; e, por mais dobradas maguas,
Me anda Thetis cercando d'estas aguas.

Assim contava, e co'um medonho choro,
Subito de ante os olhos se apartou.

Vê-se pois que todas as vezes que os dois auctores podiam coincidir na forma da dicção, e na disposição dos pensamentos sem prejuizo do assumpto que cada um tinha em fito, este facto não deixou de dar-se e com sobeja frequencia, o que, a serem estes encontros puramente eventuaes, provaria a superioridade do methodo

de ambos, pois que, se não fosse o mais humano, não apresentaria tanta analogia do principio ao fim.

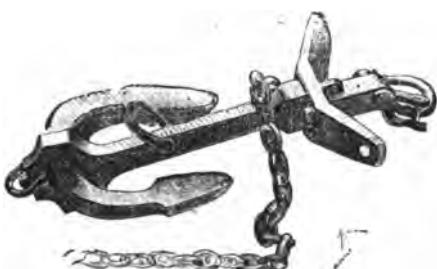
Notemos enfim para remate d'estas confrontações que, nos *Lusiadas* como nas *Mil e uma noites*, é com o Gigante que começa a narração e com o amante petrificado que ella termina. A accão, em ambas as narrativas, tem por scena o mar, o fundo representando asperas montanhas, ilhas e rochedos afastados e desconhecidos. As personagens são poucas, e os proprios heroes contam as suas aventuras, em Camões a uns viajantes estrangeiros, no conto árabe, a um pescador e a um rei de longinquas regiões, pois que segundo o texto, o reino d'este ficava a um anno inteiro de distancia. A heroína em ambos os livros é uma Circe encantadora em belleza e nas artes. Em Camões um só Gigante reune a colossal estatura do Genio das *Mil e uma noites*, e a fealdade do Preto amante da princeza. O rei do conto desfaz o encantamento das Ilhas Negras, e Vasco da Gama vence e torna transitaveis as negras paragens dos mares austraes. O preto e as Ilhas Pretas das *Mil e uma noites* estão a lembrar o continente preto e os seus pretos habitantes que os Portuguezes foram desencantar a seu modo.

Serão, pois, todas estas coincidencias a obra de um mero acaso? Serão, que tudo pôde ser,—pois ninguem ignora que as mesmas causas produzem os mesmos effeitos, que um Samsão não vai sem a correspondente Dalila, nem pôde haver um Alcides sem uma Dejanira com a tunica de Nesso e tudo. E quem podia melhor saber e apreciar estas cousas do que o immortal e infeliz Camões?

Ora, já lá vão quatrocentos annos. Passou Vasco da Gama o Cabo Tormentorio, e . . . tornou-o a passar; e passaram-no com elle todos os heroes d'esses tempos, e os tempos tambem o passaram, e depois o mesmo cantor d'aquellas milagrosas façanhas, e tudo successivamente foi passando-o, o poderio e riqueza de Portugal, os seus descobrimentos e as suas conquistas, os seus direitos e soberania nas terras e mares «nunca d'antes navegados»; tudo emfim passou, e passou tambem o proprio Cabo Tormentorio para outras mãos, assim que, se alguma bandeira lhe ondula na sobranceira fronte, não é decerto a das Quinas...

E, comtudo, qualquer que essa bandeira seja, hoje e dentro de mil annos, por cima d'ella e mais que ella, alli está e estará sempre de pé e ameaçadora aquella figura «robusta e válida, de disforme e grandissima estatura» ensinando eternamente a todos os povos da terra, que, se o que por armas se alcança tambem se perde pelas armas, as conquistas do genio, não ha armas nem forças que lh'as possam arrancar.

Tudo passou, mas Adamastor ficou.





Acebou de imprimir-se

Aos 9 dias do mez de Maio do anno

M DCCC XCVIII

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

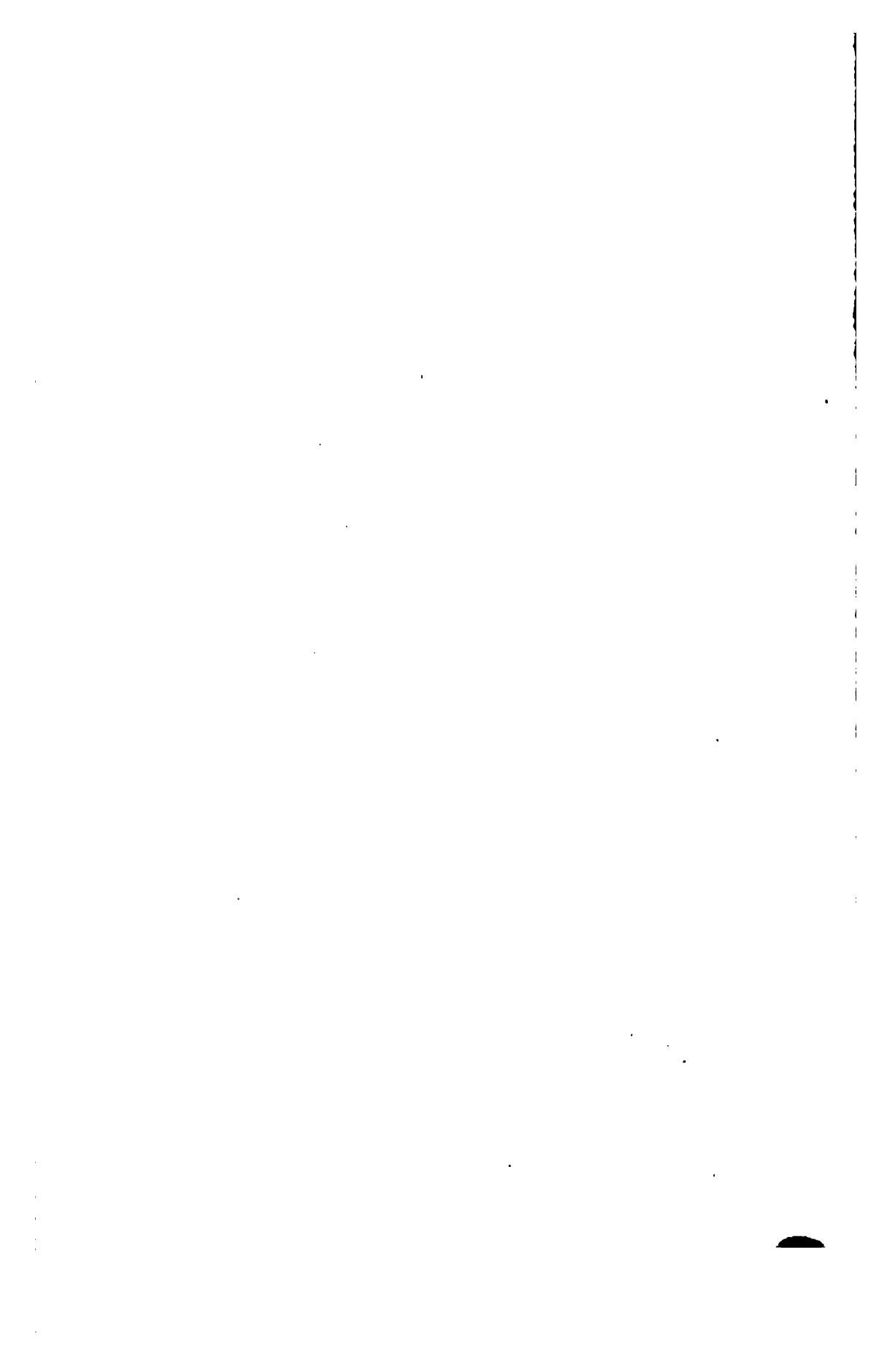
CENTENARIO DA INDIA



the first time in the history of the world, the
whole of the human race has been gathered
together in one place, and that is the
place where the people of all nations
have come to pay their respects to the
God of the world.







LISBOA—IMPRENSA NACIONAL—1898



RETURN TO → CIRCULATION DEPARTMENT
202 Main Library

LOAN PERIOD 1 2
HOME USE

4

5

3

NRLF

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS

1-month loans may be renewed by calling 642-3405

6-month loans may be recharged by bringing books to Circulation Desk

Renewals and recharges may be made 4 days prior to due date

DUE AS STAMPED BELOW

SENT ON ILL

SEP 23 1986
12/23/86

NOV 29 1995

U.C. BERKELEY

AUTO. DISC DEC 17 '86

MAY 16 1989

AUTO. DISC.

MAY 24 1989

CIRCULATION

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY, CA 94720

FORM NO. DD6, 60m, 3/80

Gaylord

PAMPHLET BINDER

Syracuse, N. Y.

Stockton, Calif.

GENERAL LIBRARY - U.C. D



8000876207